



"SOU HOMEM! BEBI PARA NÃO 'PAGAR' DE BOBÃO: JUVENTUDE, CONSUMO E IDENTIDADE DE GÊNERO

"I'M A MAN! I DRANK TO NOT 'PAY' OF GOOFY: YOUTH, CONSUMPTION AND GENDER IDENTITY

GUTHIERREZ, Everson Sofiste¹
BAIÃO, Jonê Carla²

RESUMO

Quais os modos de ser garota e garoto na juventude? Que identidades esses jovens têm construídos na ocupação dos diversos espaços do recreio? Como tem sido essa ocupação: negociada, conflituosa ou tácita? Este artigo é parte da pesquisa de mestrado, em andamento, sobre a relação entre juventude, consumo e gênero, com enfoque no cotidiano da escola, sobretudo na observação da ocupação dos espaços do recreio de garotos e garotas com idades entre 13 e 14 anos de idade, da turma do oitavo ano do Ensino Fundamental II, da "Escola da Praia": uma escola da rede católica de ensino, na Zona Sul do Rio de Janeiro, próximo ao mar. Tomamos o referencial de Bakhtin no que diz respeito à "*dimensão alteritária*" e, quanto a autores que discutem identidade, nos fundamentaremos basicamente em dois: Jonê Carla Baião (2006), por auxiliar na compreensão das identidades como sendo constantemente negociadas, uma vez que são flexíveis e variáveis, e Guacira Lopes Louro (1997), por falar que as identidades estão sempre se construindo. Utilizamos como metodologia a observação, com registros de áudio e vídeo de uma câmera, e a narrativa descritiva dos dados coletados.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; Gênero; Juventudes; Consumo; Horário do recreio.

ABSTRACT

Summary what are the ways of being girl and boy in youth? What identities do these young people have built in the occupation of the various playground spaces? How has this occupation been: negotiated, conflicted or tacit? This article is part of the master's research, in progress, on the relationship between youth, consumption and gender, focusing on the daily life of the school, especially in observing the occupation of the playground spaces of boys and girls aged between 13 and 14 years of age, of the eighth grade class of elementary school, the "School of the Beach": a school of the Catholic Teaching Network, in the southern part of Rio de Janeiro, near the sea. We take the reference of Bakhtin, with respect to the "Alteritory dimension" and, as for authors who discuss identity, we base basically on two: Jonê Carla Baião (2006), for helping in the understanding of identities as being constantly Traded, since they are flexible and variable and; Guacira Lopes Louro (1997), speaking of which identities are always building. We use as methodology the observation with audio and video records of a camera and the descriptive narrative of the collected data.

KEYWORDS: Narratives; Genre; Youths; Consumption; Recess time



INTRODUÇÃO

Não se pode mudar a sociedade a partir da escola, mas pode-se lançar alternativas, desenhar novas possibilidades, ensinar a abrir caminhos e mostrar que nós, os seres humanos, podemos escolher (Montseratt Moren).

Como se sabe desde os tempos modernos, a sociedade está em constante mudança. Vivemos uma era de incertezas e de instabilidades (HALL, 2000). Nesse sentido, garotos e garotas agenciam intensamente mudanças em seus comportamentos e relacionamentos. Ora, não se fala mais em fixidez, em imutabilidade identitária, e sim em sujeitos que se modificam a cada instante, de acordo com suas interações, ações e reflexões junto a outros sujeitos em uma pluralidade de contexto (BAIÃO, 2006).

A escola tem sido um espaço que proporciona a reflexão sobre a construção de identidades de gênero. Aliás, é um lugar que necessita ser investigado, afinal de contas é *lócus* onde aprendemos a nos relacionar e a nos socializar (LOURO, 1997). Acreditamos que no cotidiano escolar será possível produzir saberes. Diante disso, este estudo apresenta e analisa a relação, dinâmica, processual e inacabada, de jovens ocupando os espaços do recreio, os quais constituem identidades de gênero. Por isso os jovens que fazem parte de minha pesquisa são protagonistas, ao passo que são objetos de observação e análise.

Perguntamos neste trabalho: quais os modos de ser garoto e garota no espaço escolar? Que identidades esses jovens têm construídos na ocupação dos diversos espaços do recreio? Como tem sido essa ocupação: negociada, conflituosa ou tácita?

Comumente temos visto que no espaço escolar os jovens têm apresentado diferentes maneiras de ser garoto e garota e, também, constroem diferentes identidades de gêneros feminino e masculino. Nesse sentido, o que justifica a escolha por estudar gênero é, em primeiro lugar, a possibilidade de entendê-lo como constituinte da identidade do sujeito (LOURO, 2003).

As discussões atuais sobre a temática de gênero têm ganhado cada vez mais destaque. Isso porque é uma reflexão indispensável que traz à tona a compreensão do indivíduo na perspectiva da subjetividade. Como se sabe, pensar gênero é, também, desvelar o caminho que conduz o ser e o estar no mundo na sua pluralidade de contextos. E estudá-lo a partir do cotidiano escolar é, também, o evocar as diferenças e polaridades presentes nas diversas atividades educativas desse espaço. Daí nossa intenção em refletir e problematizar a educação dos jovens. Sendo assim, os padrões e os modelos de conduta não podem ser modificados com a simples imposição de uma disposição de um decreto-lei. É necessária uma mudança mais profunda na mentalidade dos indivíduos. E o lugar privilegiado para introduzi-la

é exatamente a escola (MORENO, 1999). Essa crítica salienta, por outro lado, a que o conceito de masculinidade e feminilidade, como o resultado de um processo de interiorização de papéis, que fica geralmente resolvido na infância e na juventude, devam ser desmistificados, pois trata o gênero como uma realidade estática. Como tal obscurecem o trabalho contínuo e performativo de produção do gênero, que é a parte integrante da interação cotidiana ao longo de toda vida (PEREIRA, 2015).

Utilizamos o nome "Escola da Praia" para referir ao lugar da pesquisa. Primeiro para garantir a ética e a credibilidade da pesquisa, pois o sigilo e a integridade do nome da escola são importantes. Em segundo lugar devido ao fator geográfico: a escola está situada perto da praia. Vale dizer que a escolha da "Escola da Praia" para pesquisar por uma questão de afeto: a diretora da escola e o coordenador do ensino médio são meus grandes amigos. É uma escola com tradição de qualidade do ensino de mais de 60 anos e apresenta uma proposta pedagógica humanizadora, que dialoga estreitamente com a demanda da atualidade.

Vale destacar que este estudo está na área de Ciências Humanas, isso nos permite ir ao encontro do outro e, dessa relação, o crescimento enquanto pessoa conhecedora do próprio mundo. Ora, de um lado, professor-pesquisador-pesquisado e do outro, o aluno-pesquisado-pesquisador, ambos contribuindo para aquilo que Bakhtin (2000) conceitua como "*processo de acabamento*", ou seja, a construção diária e contínua das experiências de vida e do cotidiano escolar.

Como esta pesquisa é tecida a partir das narrativas juvenis, cabe explicar que falar de jovens é olhar para um mundo peculiar. Queremos dizer com isso que são indivíduos que possuem um modo específico de enxergar o seu redor de maneira intensa e repletos de desejos e paixões que desafiam transformar o mundo. A juventude implica em identidade específica, em vivências e oportunidades em uma série de relações sociais como trabalho, educação, comunicação, participação, consumo, gênero, raça etc (CASTRO E ABRAMOVAY, 2002). Em suma, é uma construção social que varia de acordo com as diferentes culturas e, contudo, trata-se de uma categoria social ativa politicamente a partir da década de 1980 (CATANI E GILIOILLI, 2008). Analisamos as identidades sob a ótica da construção social, considerando que

as identidades são sempre negociadas, uma vez que são flexíveis e variáveis. Essa perspectiva apresenta uma visão dinâmica entre indivíduo e sociedade. Identidade, assim, não é mais apenas um rótulo descritivo; diz respeito às experiências culturais que os indivíduos partilham (BAIÃO, 2006 p. 31).

Estamos motivados em realizar este estudo devido a possibilidade de contribuição para ressignificação e transformação qualitativa da sociedade. Acreditamos que seja fundamental conhecer a nossa sociedade, principalmente quando estamos vivenciando um mundo de pluralidades de identidades, de contextos socioculturais. Ainda mais quando se trata de identidades de gênero, pois



sabemos que não é fácil desconstruir parâmetros sociais e culturais pautados da dominação do macho. Ora, não é fácil fazer existir uma outra categoria não masculina numa sociedade que foi construída sob os pilares do patriarcalismo e assentada no discurso biológico da binaridade. Aliás, não se reconstrói sem constantes discussões e bastantes esforços intelectuais.

Esta pesquisa tem sua relevância, inicialmente, por se inserir no bojo das discussões acadêmicas hodiernas. Em segundo lugar, por se apresentar como uma potente ferramenta do fazer didático-pedagógico docente, na medida em que utiliza a categoria gênero como binóculo que permite enxergar e analisar comportamentos juvenis utilizando como pano de fundo os espaços ocupados no recreio. Nesse sentido

É possível afirmar que ainda não educação para a democracia sem coeducação. A escola só será uma instituição com o fomento da solidariedade e desenvolvimento da dignidade quando também estiver comprometida com o término das desigualdades entre o masculino e o feminino (AUAD, 2015, p. 56).

Ademais, é um estudo factível e pertinente, comprometido com a reconstrução de uma escola justa, pautada em valores éticos como o sentimento de alteridade, justiça e democracia e, além disso, na promoção de cidadãos responsáveis com habilidades e competências bem definidas para criar um ambiente social melhor para se viver.

Por fim, e ainda se tratando de metodologia, este trabalho está dividido em três partes: "Quais os modos de ser garoto e garota na juventude?" Comentamos brevemente sobre o que seja identidade de gênero e, antes disso, sobre o a compreensão do fenômeno juventude. A segunda parte intitulamos "A Escola da Praia", onde são descritos os espaços da escola pesquisada, com enfoque naqueles ocupados por garotos e garotas. E, também, analisamos e discutimos sucintamente a importância da escola como lugar de ensinar.

Na terceira e última parte: "Bebi para não pagar de bobão", apresentamos como tem sido a ocupação dos espaços ocupados pelo recreio de garotos e garotas da "Escola da Praia". Como esta pesquisa esbarra na questão do consumo. Para tanto cabe inquirir: será que essa ocupação tem sido negociada? A ocupação é conflituosa? Os jovens que ali ocupam o fazem de forma tácita? Nesse contexto, pontuamos a metodologia básica.

MODOS DE SER GAROTO E GAROTA NA JUVENTUDE: GÊNERO NA ATUALIDADE

Apresentamos aqui, de forma sucinta, a discussão sobre identidades de gênero e, antes disso, a temática juventude. Ambos os conceitos são importantes



para melhor compreensão da realidade do cotidiano escolar no qual estamos inseridos cotidianamente.

JUVENTUDES

Falar sobre juventude é importante, pois o jovem é sujeito dotado de identidade própria e de direito. Em segundo lugar porque estamos tratando de um tipo de identidade juvenil: a de gênero no caso. Ora, não é nosso interesse conhecer quais os modos de ser garota e garoto hoje? Enfatizamos que, quando falamos em garota e garoto, estamos nos referindo a jovens de 13 e 14 anos de idade da "Escola da Praia", os quais têm suas próprias performances de gênero, ou seja, representam de modo único. Porém, o que se entende por juventude?

Definir juventude implica muito mais do que em cortes cronológicos; implica em vivências e oportunidades em uma série de relações sociais, como trabalho, educação, comunicação, participação, consumo, gênero, raça etc. Na realidade, essa transversalidade traduz que não há apenas um grupo de indivíduos em um mesmo ciclo de vida, ou seja, uma só juventude (CASTRO E ABRAMOVAY, 2002, p. 25).

Nesse sentido, depreende-se que é um conceito socialmente construído e sob a forma de diferentes culturas. Então, ao estudar juventudes, deve-se considerar, primeiramente, que o tema requer a multiplicidade de olhares e a variação de aspectos. Ora, vê-se que a História e a Sociologia têm dado conta dessa discussão, pois, conceitualmente, juventude é uma produção tecida num determinado espaço e tempo. Sendo assim, o fragmento acima permite falar de forma plural: "juventudes" e, mais ainda, sob a perspectiva das "culturas".

Partindo dessa premissa, e como essa pesquisa é tecida a partir das narrativas juvenis, cabe explicar que falar de jovens é olhar para um mundo específico e encantador. Queremos dizer com isso, que são indivíduos que possuem um modo único de enxergar o seu derredor, e de maneira intensa e repleta de desejos e paixões, os quais desafiam constantemente transformar o mundo. Enfim, trata-se de uma categoria social ativa politicamente a partir da década de 1980 (CATANI E GILIOLLI, 2008). Sobre esse aspecto, reafirmamos que

as identidades são sempre negociadas, uma vez que são flexíveis e variáveis. Essa perspectiva apresenta uma visão dinâmica entre indivíduo e sociedade. Identidade, assim, não é mais apenas um rótulo descritivo; diz respeito às experiências culturais que os indivíduos partilham (BAIÃO, 2006, p. 31).



Pensar assim nos permite realizar um estudo baseado na reescrita, na singularidade dos fatos. Sem preocuparmos com as tendências e reproduções inculcadas com valores e padrões que nada tem a ver com este tempo. Dizemos isso diante da possibilidade de fazê-lo por meio de pessoas que vocalizam histórias, agenciam escolhas e constroem narrativas próprias sobre o mundo que vivem. Com efeito, podemos dizer que este estudo possivelmente colaborará na composição de novo olhar sobre culturas, especificamente sobre a multiplicidade de expressões juvenis de gênero, a qual têm se constituído em poderosa força que influenciará de maneira intensa e decisiva nos rumos das sociedades modernas (CATANI E GILIOILLI, 2008).

IDENTIDADE DE GÊNERO

Neste trabalho, o que se entende por identidade de gênero? Partindo da premissa que identidade são as experiências culturais que os indivíduos partilham e podem ser transformadas, inferimos que os modos de como os jovens se apresentam como garota e garoto no recreio da “Escola da Praia” constituem “identidades de gênero”. Sendo assim, podemos dizer que a identificação que cada sujeito tem como masculino ou feminino, respeitando-se os tempos históricos e os meios sociais nos quais são produzidos, definem “identidade de gênero”. Para Louro (2003, p. 27)

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que se importa considerar é que – tanto na dinâmica do gênero, como na dinâmica da sexualidade – as identidades estão sempre se construindo, elas não dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja ‘assentada’ ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Quando observamos os jovens da “Escola da Praia” em suas relações diárias, com todas as suas práticas, percebemos novas maneiras de ser e de estar no mundo, inclusive de agenciar as suas próprias histórias de vida. Nesse sentido, vale observarmos alguns registros vídeofotográficos que fizemos em dezembro de 2017, 2018 e outro mais recente, na ocupação dos espaços do recreio, na “quadra nova”, no dia 24 de maio de 2018:

(...) Thuar e “Nobru”, estão ‘tirando’ o time. Thuar foi o primeiro a escolher seu time. Logo chamou ‘Mariah’. Ele disse que ela ‘marca duro na zaga’. ‘Mariah’, sai correndo e solta um palavrão como expressão de alegria por ter sido escolhida. Pergunto aos que estão do ‘lado de fora’ se alguma outra garota iria entrar. ‘Cítya’ e ‘Paloma’ respondem ‘eu não’ por três vezes. ‘Vitinho’ fala que ‘na dele’ elas



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.34196

não iam jogar. O jogo começa. Somente 'Mariah' joga como os garotos. As outras garotas estão espalhadas pela quadra: umas jogam totó e tênis de mesa juntamente com os outros colegas. 'Cítya' e 'Paloma' estão sentadas na lateral da quadra assistindo à partida. 'Mariah' chuta para o gol. 'Paloma' vibra com o feito levantando os braços. Os colegas do seu time aplaudem e batem em sua mão direita elogiando.



Queimados das meninas!!!
#acampadentro2017



Queimados dos meninos!!!
#acampadentro2017

Fonte: Acervo pessoal.

Interessante é perceber que

(garotas e garotos) chegam à escola marcados por uma série de elementos externos que os levam a criar para si mesmos uma imagem particular do mundo, influenciados pela sociedade androcêntrica que os rodeia (MORENO, 1999, p. 73).



Disso, vale comentar que esses jovens fazem uma laboriosa construção, reivindicando as fronteiras do gênero. Ora, temos sabido que alguns marcadores sociais da diferença são balizados por aquilo que é ensinado para meninos e para as meninas. E o futebol e a agressividade são exemplos disso. Olhar para a etnografia do cotidiano, feita pela turma do oitavo ano da "Escola da Praia", é perceber como os gestos e os movimentos produzidos na ocupação dos espaços do recreio são incorporados pelos garotos e garotas e como que vão constituindo as suas identidades.

Diante disso, dialogamos com a dissertação da professora Vancicleide Monteiro da Silva, quando afirma que o que está em jogo é o tipo de educação que queremos (SILVA, 2018). Ora, a educação que precisamos é aquela promotora da igualdade e do respeito entre os indivíduos constantes em nossa sociedade multicultural, valorizada e digna de ser chamada de "mais justa".

"A ESCOLA DA PRAIA"

Apresentamos nesta parte um breve panorama descritivo dos espaços físico da escola pesquisada, com enfoque nos espaços ocupados pelo recreio de garotos e garotas que ali estudam. Em segundo lugar, falo da importância da escola como lugar de ensinar.

UMA ESCOLA VERTICAL

Fazemos nesse item um breve panorama descritivo dos espaços físico da "Escola da praia". A saber: é uma escola da confissão católica, de origem mineira e que pertence a uma rede composta por oito escolas. A gestão é formada atualmente por uma jovem Irmã e quatro coordenações de segmento. O corpo de discente soma mais de quinhentos alunos, contados do ensino infantil, fundamental I e II e ensino médio.

Grosso modo, os alunos são de classe média e média alta, moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro, sendo a grande maioria do Bairro do Flamengo e adjacências. São filhos de advogados, de médicos, de empresários de diversos ramos, de funcionários, de professores (nesse caso são bolsistas), dentre outros segmentos.

Destacamos que a escola fica entre prédios e, no que diz respeito a sua estrutura física, é considerada uma "escola verticalizada", pois o seu crescimento sempre é para cima. Inclusive, suas quadras são situadas no terceiro e quarto andares. Quanto aos espaços da escola, no térreo consta de um pátio com diversos jogos interativos; a sala dos professores; a cantina; dois banheiros; o refeitório do ensino integral; a capela; o almoxarifado; o setor de mecanografia/comunicação visual e; o *playground*.



No primeiro andar encontra-se o segmento infantil: as suas salas de aula; a brinquedoteca e uma pequena área destinada à horta; no final do corredor há os sanitários dos meninos e meninas. No segundo andar estão os segmentos fundamental I, II e Médio. Dois corredores em "T" dividem os espaços das onze salas; a biblioteca; o sanitário dos meninos e das meninas e dos professores (este o mesmo destinado à acessibilidade). Espaço este que fica sob os atentos olhares de uma jovem inspetora.

Além da quadra do terceiro andar, a qual também funciona como o espaço multicultural (bastante frequentado pelos garotos e garotas na hora do recreio), encontram-se os laboratórios de robótica-informática e, separado por um *lounge*, o laboratório de ciências. A sala da psicóloga escolar fica em um anexo que é acessado também pelo terceiro andar. No quarto e último andar fica o ginásio poliesportivo, o qual tem uma área reservada ao tênis de mesas e às mesas de totó. O depósito de materiais também fica nesse último andar.

Há um elevador de médio porte que transporta até seis pessoas, o qual foi instalado para atender às demandas de acessibilidade e da utilização dos alunos do ensino infantil. Seu limite é o terceiro andar e somente pode ser utilizado por professores, colaboradores e demais funcionários. Excepcionalmente, a utilização por alunos se dá em caso de acidentados ou os alunos do terceiro ano do ensino médio podem utilizar quando é possível.

Nesse momento é importante analisar e discutir a importância da escola como lugar de alternativas e de escolhas para uma nova configuração da sociedade, tendo como foco de análise o tipo de turmas escolares configuradas no tipo "escola mista", isso porque nos remete diretamente às discussões sobre o gênero na escola.

Pois bem, cabe destacar que é a prática comum no Brasil a realização de enturmação com jovens do sexo oposto. Porém, esse arranjo não deve ser confundido como "local de igualdade" diante do fato dos jovens do sexo masculino e feminino estarem juntos. Aliás, está longe de garantir que as vivências educativas naquele espaço sejam de igualdades entre ambos. Ao contrário disso, acabam por reproduzir desigualdades.

Servimo-nos da observação feita no dia 04 de abril deste ano, do "momento livre", durante a expedição cultural "jogos medievais", no complexo hoteleiro *Le Canton*, em Teresópolis.

São 10h12min, todos os meninos e meninas estão brincando em frente ao Hotel Magic. Há um grupo de meninas brincando de voleibol na lateral. Os meninos estão jogando futebol no campo enquanto outros aguardam do lado de fora "dez minutos ou dois gols" para jogarem também. Vê-se outro grupo de meninos, dentro do campo, trocando socos e enforcamentos ao chão, mas de repente levantam e repetem o feito entre si. O professor "Locemar", chamou atenção dos meninos, pedindo para parar com a "brincadeira de mau gosto". O aluno "Sonerme", respondeu sorrindo "que tudo



não passava de uma brincadeira de amigo". A aluna "Duda" pediu ao professor "Locemar" para entrar "na próxima". "Gil", "Alex", "Dodi" negaram afirmando que ela "não aguentava porrada" e que era para "jogar vôlei". O professor "Locemar" ratificou o que os meninos disseram. "Duda", sem falar nada, saiu correndo para quadra ao lado.

É curioso observar no relato como que as manifestações espontâneas nas brincadeiras dos garotos expressam agressividade e, principalmente, como que o pensamento androcêntrico, ainda permeia as práticas de educação atualmente. Ora, o professor "Locemar" afirmou a fala dos meninos de que a menina deveria juntar-se às meninas no voleibol? Então, voleibol é jogo de garota? E porrada é "coisa" de garoto e somente eles aguentam? Por outro lado, "Duda" aceita pacificamente a orientação do professor e sai correndo. Mesmo sendo esse um caso, estamos certo de que,

Existe um preconceito muito difundido que consiste em acreditar que a visão androcêntrica do mundo é a que possuem os homens, mas isto não é verdade; na realidade, é esta a visão que possuem os homens e mulheres, nela educados e que não puderam ou não quiseram esquivar-se (Moreno, 1997, p. 25).

Não é diferente na "Escola da Praia", mais do que um exemplo é uma mostra das práticas diárias experimentadas que o modelo de escola mista tem produzido espaços que carece de constantes intervenções para que haja aprendizagem equânime para garotos e garotas que ali estudam e, por outro lado, que deve haver formação continuada docente, sobretudo se há cumplicidade da manipulação ideológica de ordem científica, religiosa ou filosófica que transmita desigualdade social.

Tudo isso nos serve para refletir a importância que a escola tem como lugar de alternativas e de escolhas para uma nova configuração da sociedade. Afinal de contas as práticas escolares, no caso das escolas mistas, não podem separar garotas e garotos, ao contrário disso, a coexistência dos dois sexos na escola deve ensinar para o convívio equânime na sociedade. Aliás, se retomarmos o relato da expedição cultural certamente há de se questionar que o campo de futebol é o espaço dominado pelos garotos, e o jogo de futebol é nesse caso para eles, restando às meninas a área periférica: a do voleibol. Dessa questão emerge outra reflexão: seria essa uma mostra da necessidade de desenvolvimento dos meninos de suas identidades sexuais? Identidade sexual tem a ver com agrupamento de pares? Pois bem, esses e muitos outros questionamentos nos causam "coceiras de pesquisa", mas não debruçaremos nisso agora, na parte três farei essa discussão, ainda que brevemente e sem o compromisso de responder às perguntas anteriores. Destarte, concordamos com o posicionamento de Daniela Auad ao afirmar que



Educar pessoas não é, portanto, uma simples técnica, amparada por dados científicos, bem “amarrada e arrumadinha” em atraente e colorido manual. Educar homens e mulheres, para uma sociedade democrática e igualitária, requer reflexão coletiva, dinâmica e permanente (AUAD, 2015, p.14).

Mais do que reunir fisicamente garotos e garotas num mesmo espaço, penso que co-educá-los seja a maneira mais eficaz de contribuir para uma educação efetivamente equânime. Quando falo de coeducação entendo que seja a reconstrução de currículos, práticas pedagógica, dos conteúdos e dos relacionamentos voltados para à igualdade, à democracia e à justiça entre os sexos opostos. Enfim, que seja articulada a esse tempo. Aliás, em se tratando de tempo, há que contemplar mudanças amplas e significativas no sistema de ensino brasileiro para a formação de cidadão mais responsáveis e comprometidos com a sociedade.

“BEBI PARA NÃO PAGAR DE BOBÃO”

Apresentamos neste momento como tem sido a ocupação dos espaços ocupados pelo recreio de garotos e garotas da “Escola da Praia”. Para tanto cabe inquirir: será que essa ocupação tem sido negociada? A ocupação é conflituosa? Os jovens que ali ocupam o fazem de forma tácita? E, como essa pesquisa esbarra na questão do consumo. Nessa parte, pontuamos sobre a metodologia básica a qual nos beneficia na realização da pesquisa.

A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS DO RECREIO

A priori, vale iniciar pontuando sobre a metodologia que nos beneficia: o uso de imagens técnicas como instrumentos mediadores e reveladores das intensas experiências culturais e subjetivas que estamos vivendo no momento atual (JOBIM E SOUZA, 2013). É fato que as atividades de fazer gravação de vídeo e imagens a partir da própria câmera tem sido uma realidade social intensa. São hábitos que têm se desvelado como potente auxílio para as pesquisas acadêmicas e, inclusive, tem acrescentado na produção de conhecimento.



Fonte: Acervo pessoal.

Na experiência com esta pesquisa, não raro temos presenciado no recreio garotos e garotas como sujeitos ativos, com táticas e estratégias próprias, as quais constituem suas histórias. Desse modo, dialogamos com Kátia Feijó da Silva, Kelen Antunes Lyrio e Nicéa de Souza Martins (2011) ao discutirem as principais ideias de Michael de Certeau, sobretudo como têm observado como essas ideias têm se destacado nas Pesquisas em Educação e de que forma alguns pesquisadores se apropriam dos conceitos para constituir campos de investigação no interior da escola. Para as autoras

De Certeau (2005) reconhece a capacidade dos indivíduos para a autonomia e a liberdade em frente ao universo construído pelas indústrias de consumo cultural e tecnológico. Busca compreender os mecanismos pelos quais os indivíduos, em um conjunto muito grande de práticas da vida cotidiana, manifestam suas capacidades criativas, "astúcias" e "engenhosidades", para caminharem de maneira própria, seja transformando, seja se distanciando dos serviços e das tecnologias que lhes são propostas (2011, p.14).

Algumas vezes se dá de forma negociada ou por meio de conflitos e outras vezes nenhuma das duas, ou seja, a "coisa" é implícita. Exemplo disso

no dia 23 de março deste ano, ao realizar mais uma parte de minhas observações, na escola da **praia**, observei algumas garotas relatarem à coordenação, no momento do recreio, que os meninos invadiram a quadra e tomaram à força a bola na "hora das meninas". Uma das alunas disse ter trocado tapas e palavrões com o "Joãozinho" porque 'ele deu um empurrão nela e disse que bola era pra garotos'. Como não conseguiu a posse da bola novamente, pois "os meninos ficaram

fazendo-as de bobinhas”, elas saíram da quadra xingando-os de “fdp”.

Esse e outros fatos ocorridos nos diversos espaços frequentados pelos jovens da “escola da praia” são amostragens de que o relacionamento entre garotos e garotas perpassam pela esfera de poder. Entendemos que o poder está presente em todos os lugares e em especial nesse trabalho, nas questões que suscitam identidade de gênero produzidas pela prática. Aliás, quando se fala em educação, não podemos perder de vista que educar não é uma simples técnica, amparada por dados científicos, requer reflexão coletiva, dinâmica e permanente (AUAD, 2015). Dialogamos com Nilda Alves (2000) ao dizer que temos que reeducar a nossa capacidade de ver, ouvir, sentir as ideias e ações produzidas no espaço/tempo do cotidiano da escola e da sala de aula, com suas lógicas e no seu ritmo próprio.

Quando falamos em narrativa, pensamos numa metodologia que transpassa o ato de contar ou relatar histórias. Ao contrário disso, algo mais dinâmico que produza conhecimento e que esteja ligado ao sentimento de vida, inclusive que possibilite conhecer as visões e as narrativas de experiências vividas (OLIVEIRA, 2010). Nesse sentido, narrar remete ao dialogismo, à pluralidade de vozes que constituem toda pesquisa e que não somente revele o contexto de enunciação, mas também a presença de olhar teórico através do qual fatos e descrições podem emergir de um determinado contexto (AMORIN, 2004). Se tomarmos como base Bakhtin (2007), teremos que

as relações se estabelecem entre todos os elementos estruturais do romance (...) portanto o fenômeno dialógico ultrapassa em muitos as relações entre as réplicas de um diálogo formalmente produzido; ele é quase que universal e perpassa todo o discurso humano (BAKHTIN, 2007, p. 77).

Por fim, como falamos na metodologia da narrativa, salientamos que configurará maior organização ao estudo o processo de descrever as observações dos fatos, dos acontecimentos e dos diversos discursos juvenis registrados. Somente assim conseguiremos chegar ao coração do estudo: como certos modos na relação de gênero, na ocupação dos espaços do recreio, constituem-se em elementos significativos nas vivências de garotos e garotas (AUAD, 2015).

JUVENTUDE, CONSUMO E GÊNERO

A juventude adquiriu relevo na esfera do consumo e da indústria cultural, em que o avanço técnico e a expansão dos meios de comunicação contribuíram para incorporar os jovens como protagonistas nos mercados da moda, da música e do esporte, entre outros (CATANI, 2004, p. 11).



Partindo desse princípio, o fenômeno das juventudes pertence à modernidade social e o consumo é uma das dimensões de interpretações das culturas juvenis. Ora, nesse sentido a relação consumo e juventude pode, ainda, ser observada pelo viés da indústria cultural, mesmo não sendo nosso objeto de análise. Além disso, o consumo oferece à juventude possibilidade de socialização específicas pela identidade daqueles que dela partilha. Aliás, na esfera do consumo, há uma imagem construída da condição juvenil como etapa áurea da vida, idade na qual se pode desfrutar do tempo livre, do lazer, do vigor, dos esportes, da sexualidade e da criatividade artística (CATANI, 2004). Por exemplo, o trecho da observação do dia 13 de abril deste ano, nos dá conta que

no terceiro tempo, na aula de artes, os alunos estavam bastante agitados, "Elfara" não parava sentado, implicava o tempo inteiro com "Aligiú" apertando-lhe o nariz. Ela, por sua vez, distribuía-lhe tapas. Enquanto o professor fazia uma atividade prática sobre vitrais, os alunos "Vida", "Elfara", "Dornaber" e "Elphara" riam alto e se "zoavam" ao beber o líquido de uma garrafa plástica. Após chamar a atenção por mais de duas vezes, o professor resolveu tomar-lhe a garrafa. Ao se aproximar, o aluno "Vida" disse em voz baixa: " – fudeu, guarda, guarda, vai dar merda". Percebendo que havia algo estranho naquilo, o professor abriu a garrafa e cheirou o líquido. Vendo que não era água, perguntou: " – O que é isso que vocês estão bebendo?" Em uníssono disseram: " – é do "Dornaber"! O professor insistiu em saber o que era aquele líquido até que o aluno "Vida" disse: " – antes eu tivesse pagado de bobão..." Com a turma toda em silêncio, "Dornaber" olhando para baixo disse: " – eu tenho insônia todo dia por isso que eu trago Red Bull". Ouviu-se à turma inteira o muxoxo". O professor imediatamente encaminhou os meninos à coordenação e continuou a atividade.

Imediatamente, levantei-me de onde eu observara o fato e fui após o aluno. Chegando à coordenação, pedi autorização para observar o encaminhamento. Ao ser interrogado, "Dornaber" relatou a questão e exclamou ao coordenador: " – sou homem, bebi para não pagar de bobão!" O coordenador clamou-lhe a atenção para o cumprimento das regras da escola e, que inclusive, nem refrigerante a cantina vendia, principalmente energético. Ainda disse ao garoto que uma bebida não é suficiente para determinar alguém homem ou não. Após fazer anotações em sua agenda, disse que marcara um atendimento com seu responsável.

O fragmento deixa nítido o sentimento do garoto de ser "autêntico macho" ao ingerir o energético e como ele associou à coragem e à ousadia desafiando a regra como caricaturização feita pelo universo masculino perante os colegas. João Freire Filho (2007) no auxilia na compreensão de que



o estilo de vida pode refletir a sensibilidade (ou atitude) revelada na escolha de certas mercadorias e padrões de consumo e a articulação desses recursos culturais como modo de expressão pessoal (FREIRE, 2007, p. 138).

Ora, contrabalanceando o caso apresentado a assertiva do autor, percebe-se que a questão não é tomar o energético pela moda, mas o gesto pode ser traduzido de acordo com o objeto de desejo do aluno. Uma forma de dizer quem se ele é ou pretende ser, ou ainda como quer que os outros o vejam. Enfim, uma escolha que utiliza o próprio corpo para expressar a respeito de si.

As discussões sobre identidade de gênero é objeto que ganhou status político-social na década de 1980. Sendo assim, falar de identidades é dialogar com os diversos sujeitos que protagonizam o mundo o qual habitamos e nos ajudam a compreender as facetas que configuram as subjetividades na contemporaneidade. As identidades sociais estão nos indivíduos, elas emergem na interação, construídas no discurso. Nesse sentido, gosto do fragmento da observação do dia 12 de abril:

Hoje é dia temático para os alunos do terceiro ano do ensino médio. Todas as meninas vestidas "como homens" e pintura de barba e bigode e, os meninos, de vestido longo, maquiados. Todos desfilando o tempo inteiro pelos corredores e, aparentemente, sem nenhuma vergonha ou medo de taxação. Num determinado momento fui ao sanitário e ouvi dois meninos conversando enquanto se maquiavam. Não identifiquei quem disse: "- cara você tá super bem, não borrou nada..." e ou outro perguntou: " - você acha?" Quando saí do sanitário, "Velter", habilidosamente, passava batom em "Miro" e, mesmo quando me viram não se sentiram inibidos ou constrangidos. Ao retornar para à sala, encontrei "Miley" andando às pressas para o banheiro de sapatos salto alto, com um batom vermelho bastante forte, enchimentos no peito. Veio correndo atrás dele uma menina gritando: "Cara, você tá lindo, não tira não..." Não vi e nem ouvi os outros jovens da escola fazendo comentários, zombando ou mesmo olhares recriminadores. Percebi que os jovens viam como se fosse algo comum no cotidiano da escola. Na hora do recreio perguntei ao "Nobru", do oitavo ano, o que ele achava dos colegas vestidos daquela maneira e ele me respondeu: " - normal". Virou as costas e correu atrás do colega que estava com uma bola. Me aproximei de um grupo de meninas do oitavo ano que estavam perto da cantina, apontei para outras meninas do ensino médio que estavam vestidas de bermudão, camisetas e de bigodes pintados à lápis preto e perguntei se elas faziam o mesmo. As respostas foram: "sim"; "sim, porque é uma brincadeira"; "claro, porque não tem nada a ver". Nesse momento, o professor de inglês chegava à cantina e, sem eu perguntar nada, olhou para mim e falou baixinho: "viadagem, os valores estão todos invertidos mesmo. Isso não incomoda, mas se a



gente falar alguma coisa, pelo menos parecida na sala de aula, aí dá ruim!" Voltei-me para ele e perguntei-o se ele sabia que hoje era o dia temático. Ele disse que sim, mas que alguns se aproveitavam disso.

Vale destacar que este estudo também se fundamenta na "dimensão alteritária de Bakhtin", uma vez que existe no mundo atual novas maneiras de interlocução e de revelação, ou seja, o olhar entre as pessoas se expande e se beneficia com o uso da técnica, das câmeras videofotográficas (JOBIM E SOUZA, 2003). Quando falamos na "dimensão alteritária de Bakhtin" queremos dizer que

Podemos constatar que a visibilidade do sujeito, em relação ao seu lugar espacial no mundo e à tomada de consciência em relação a si próprio, é determinada pelo olhar e pela linguagem do outro. Uma dada pessoa, do seu ângulo de visão, pode mediar, como o seu olhar, aquilo que em mim não pode ser visto por mim. Portanto a consciência de si é fruto do modo como compartilhamos nosso olhar como o olhar do outro, criando, desta forma, uma linguagem que permite decifrar mutuamente a consciência de si e do outro no contexto das relações socioculturais. Nessa perspectiva, o outro ocupa o lugar da revelação daquilo que desconheço em mim (JOBIM E SOUZA, 2003, p. 84).

Diante disso, estabelecer o diálogo com os jovens é algo importante e rico dentro de nossa tessitura metodológica. Ora, isso nos remete mais uma vez ao dialogismo de campo, o qual nos permite o conhecimento em relação ao outro e de alteridade. Aliás, vale destacar que o diálogo das linguagens, em Bakhtin, não é apenas aquele das forças sociais na estática de sua coexistência, mas também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, do que morre, vive, nasce (AMORIN, 2004).

Descrever nos auxiliará a conhecer e compreender, com minúcias, o espaço-tempo no qual estou inserido na investigação, ou seja, analisar o material empírico produzido na pesquisa. Nessa perspectiva, destaco que estou observando com olhos de investigador, atento aos diversos jovens da "escola da praia" desde o mês de novembro de 2017, onde, aliás, pretendo permanecer até agosto deste ano, perfazendo um total de nove meses. Quando falamos de pesquisa descritiva nos referimos

De procedimento inerente ao trabalho investigativo com o intuito de ampliar ideias, rever conceitos, a fim de que o pesquisador possa dispor de recursos mais abundantes para a formulação de problemas e de hipóteses, em vista das quais conduz a pesquisa. Proporciona ao estudioso visão geral sobre a temática de sua pesquisa, maior evidência a respeito de estudos realizados na área, recurso bibliográficos, documentais, entrevistas etc (BEDIN, 2008, p. 80).

Pois bem, o que pretendemos é caminhar na pesquisa de forma ordenada, organizada, precisa: observar o objeto, descobrir o comportamento do fenômeno, registrar aquilo que foi observado e interpretá-lo. Para tanto, a câmera videofotográfica nos servirá como a ferramenta mediadora uma vez que

A câmera pode também ser utilizada como forma de intervenção nas práticas sociais, como desencadeadora de trocas interpessoais, que vão sendo construídas pelo grupo e negociada a cada momento. O pesquisador nesse espaço, embora conduza o processo de intervenção, encontra-se também como sujeito que experimenta com o grupo as descobertas que estão sendo desencadeadas. Nesse caso, a câmera é utilizada como instrumento que provoca uma discussão em grupo, tornando a experiência coletiva de ver e ser visto tema fundamental da própria investigação (JOBIM e SOUZA, 2003, p.88).

A “roda de conversa” nos parece emblemático, pois possibilita algumas questões a serem analisadas de forma cuidadosa. Essa atividade é importante porque gera um espaço da produção das visibilidades, das práticas do olhar para todos enfim, das trocas de conhecimento que exibem os distanciamentos e aproximações vivenciadas pelos garotos e pelas garotas no recreio. A propósito, a análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos os quais, no exame de um texto, servem de suporte para captar seu sentido simbólico (SILVA, 2018). Nesse sentido

os alunos e os estudantes atuais não estão mais dispostos a prestar atenção numa aula de estilo clássico ou a segui-la, num modelo em que o professor se colocava como centro ou orientador dos seus alunos. Referimo-nos ao docente que orientava seus discípulos para que seguissem as rotas que ele, mestre, impunha a seus alunos. Os novos estudantes não aceitam esse tipo de ensino e não conseguem aprender desse modo (MARTINS E MOSER, 2012, p.14).

Partindo desse princípio, a reflexão sobre mediação é válida, ora a roleta é uma ferramenta tecnológica e no processo de ensino e aprendizagens que tem ganhado cada vez mais destaque nas discussões. Os estudos de Onilza Borges Martins e Alvino Moser nos auxiliam na compreensão do conceito de mediação, em Vygotski, principalmente por nos dar conta que aprendizagens somente se faz com o social-interacionismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PRÉVIA DOS RESULTADOS

Até aqui temos observado e analisado incessantemente um *corpus* de testemunhos produzidos nos diversos espaços do recreio da “*escola da praia*”. As



narrativas e as imagens juvenis, as quais engrossam as fileiras desse estudo empírico, dão mostras de que há novas formas de ser menino e menina. Ora, vimos garotas que jogam futebol com garotos; meninos que, mesmo em um dia temático, utilizam vestidos, sapatos de salto alto e que se maquilam. Isso denota que tais características nada têm a ver com aquilo que se espera para as garotas e para os garotos segundo a educação convencional. Ao contrário, têm dado novos significados à cultura na qual estão inseridas.

E o que dizer do sentimento do garoto de ser "autêntico macho" ao ingerir o energético? E a ligação da coragem à ousadia desafiadora da regra como caricaturização feita pelo universo masculino perante os colegas? Ora, estamos falando de consumir um produto, mas que é a representação da uma problematização e da recriação novas formas de relações. Assim, garotos e garotas resistem aos padrões preestabelecidos, expressando seus desejos e inventando modos, os quais inclusive contribuem na corrosão do gênero estereotipado e de práticas preconceituosas.

Os conhecimentos e os valores podem e devem ser questionados, pois na contemporaneidade o que se espera é a igualdade de gênero, afinal de contas homens e mulheres são igualmente importantes protagonistas da história. E na escola essa questão do gênero deve ser contemplada, por exemplo, não somente na disciplina de educação física e de ciências biológicas, mas por outras, ou talvez todas as disciplinas.

Uma última análise, não menos importante, destacamos que esta pesquisa aponta para a necessidade de reorientar as interações existentes no cotidiano da escola. O tratamento entre os atores da comunidade escolar carrega práticas de caráter desigual entre os modos de ser masculino e feminino. Aliás, temos visto a diferença na utilização do próprio tom de voz de alguns professores para garotas e garotos. Com elas, um tom suave, um toque físico; e com eles, um tom mais firme, uma voz mais alta, sem contatos físicos. Outro fato que observamos na ocupação do espaço do recreio da "escola da praia", inclusive deve ser evitada por reforçar característica de gênero negativa, é chamar a atenção de meninos dizendo que "parecem ter comportamento de garota" ou ao contrário também.

Sabemos que ainda temos muito o que trilhar sobre o debate de gênero, juventude e escola. O debate ainda em curso nos desafia a pensar os papéis dos pais, da juventude e dos profissionais de ensino.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina L. (Org.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.34196

- AMORIN, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa editora, 2004.
- AUAD, Daniela. *Educar Meninas e meninos: relações de gênero na escola*. Editora Contexto, 2015.
- BAIÃO, Jonê Carla. *Tia existe mulher bombeira? Meninas e meninos co-construindo identidades de gênero no contexto escolar*. Tese de doutorado em Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- BEDIN, Fermino. *Metodologia: o caminho da ciência*. 2ª edição. São Paulo: Edicon, 2008.
- CASTRO, M.G; ABRAMOVAY, M. *Por um paradigma do fazer políticas – políticas de/para/com juventudes*. Revista brasileira de estudos com população. V.19, n.2, jul/dez, 2002.
- CATANI, Afrânio Mendes; GILLIOLI, Renato de Sousa Porto. *Culturas juvenis: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- FREIRE FILHO, João. *Reivencões da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- JOBIM E SOUZA, S. *Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas*. Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin, São Paulo, Cortez, 2003 – (Coleção questões da nossa época ; v. 107)
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 6ª edição, 1997.
- MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. Educação em pauta. Editora Moderna/ Unicamp, 1999.
- MARTINS. Onilza Borges; MOSER, Alvino. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. *Revista Intersaberes*, vol. 7 n.13, p. 8 - 28jan. – jun. 2012, ISSN 1809-7286.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa; SGARBI, Paulo. *Estudos do cotidiano e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- PEREIRA, Maria do Mar. *Fazendo gênero no recreio: a negociação do gênero no espaço escolar*. Imprensa de Ciências Sociais, 2012.
- SILVA, V. M. *Entre corpos, textos e silenciamentos: abordagens sobre gênero e sexualidade em Manuais do Professor de Ciências*. 122 f. Dissertação (Mestrado de



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.34196

Ensino em Educação Básica). Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Kátia Feijó da; LYRIO, Kelen Antunese; MARTINS, Nicéa de Souza; Pró-Dicente: *Caderno de Prod. Acad.-Cient. Progr. Pós-Grad. Educ.*, Vitória-ES, v. 17, n. 2, jul./dez. 2011.

Recebido em 15 de Maio de 2018

Aceito em 21 de Junho de 2018